

VIAGEM FARMACÊUTICA AO PALÁCIO DE CRISTAL DE LONDRES

PHARMACEUTICAL TRIP TO CRYSTAL PALACE IN LONDON

VERÔNICA PIMENTA VELLOSO | Historiadora, mestre em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e doutora em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz.

RESUMO

O relatório “Viagem farmacêutica à Exposição Universal de Londres pelo sr. Dorvault”, publicado no *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* (1853), é o ponto de partida para este artigo, que discute a representação da área de farmácia no evento de 1851, sob a perspectiva da história da ciência, incluindo sua institucionalização e divulgação, principalmente em Portugal, Brasil e França.

Palavras-chave: farmácia; farmacêuticos; exposição universal.

ABSTRACT

The report “*Viagem farmacêutica à Exposição Universal de Londres pelo sr. Dorvault*” published in *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* (1853) is the starting point for this article, that discusses the representation of the pharmacology at the 1851 event, under the perspective of the history of science, including its institutionalization and its dissemination, mainly in Portugal, Brazil and France.

Keywords: pharmacology; pharmacists; universal exhibition.

RESUMÉN

El informe “*Viagem farmacêutica à Exposição Universal de Londres pelo sr. Dorvault*” publicado en *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* (1853), es el punto de partida para este artículo, discutiendo la representación de la farmacología en el evento de 1851 bajo la perspectiva de la historia de la ciencia, incluyendo su institucionalización y su divulgación, principalmente en Portugal, Brasil y Francia.

Palabras clave: farmacología; farmacêuticos; exposicion universal.

INTRODUÇÃO

O uso de fontes específicas, como os periódicos científicos pertencentes às sociedades farmacêuticas portuguesa e brasileira, somado a leituras complementares nos fornecem um quadro bastante rico a respeito das representações da farmácia, que podem ser interpretadas a partir do olhar de um farmacêutico francês sobre a primeira Exposição Universal, realizada no Palácio de Cristal, em Londres.

Alguns estudos da área de história da ciência no Brasil vêm assinalando a importância desses periódicos, editados por sociedades científicas e profissionais durante o século XIX, como instituições essenciais para o processo de afirmação ou mesmo de profissionalização das ciências, ao se deterem sobre alguma área específica do conhecimento (Figueirôa, 2000; Ferreira, 1996; Fonseca, 2000; Velloso, 2007, 2010). Já outros têm abordado o jornalismo científico no Brasil dessa época, como uma das expressões da divulgação científica em geral, estando esta área mais preocupada com questões relacionadas à popularização da ciência nos dias de hoje, ou com ações ou mesmo métodos da educação não formal realizados nos museus ou centros de ciências, que têm por fim favorecer a compreensão das ciências pela população em geral nas escolas, visando com isto aproximar o ensino de ciências do cotidiano vivenciado pelos alunos. Nesses casos, há a intenção de viabilizar uma participação maior da população nas decisões tomadas a respeito dos usos das ciências e da tecnologia, aproximando, desse modo, ciência e sociedade, ao se explorar as relações entre ciência e cultura ou ainda ao se promover a chamada alfabetização científica ou letramento científico (Chassot, 2003; Durant, 2005).

Constatam-se, assim, os diversos usos dos periódicos científicos como fontes, ou seja, ora são utilizados como pontos de partida, ora como ilustrações de análises nas áreas de história da ciência e de divulgação científica, que abrangem, geralmente, as disciplinas de história, antropologia, sociologia, filosofia, comunicação, educação. De certa forma, tais leituras ou reflexões vêm se espelhando ou dialogando com outras a nível internacional (Saldaña, 1996; Massarani; Turney; Moreira, 2005).

Por outro lado, no que diz respeito às exposições universais que tiveram início no século XIX, há também poucos estudos que aprofundem sua dimensão científica, ou seja, que as abordem sob a perspectiva da história da ciência, sendo mais ressaltados os aspectos referentes aos processos de industrialização e urbanização, expressões da configuração do capitalismo industrial (Almeida, 2010). No entanto, vale à pena citar os estudos brasileiros de Pesavento (1997) e de Turazzi (1995) que, mesmo seguindo esse enfoque, não deixaram de incluir as ciências e as técnicas em suas análises, baseadas em produção bibliográfica internacional, além de documentos de época, mencionando as funções didático-pedagógicas e de espaços de lazer desempenhadas pelas exposições.

Nos estudos de divulgação científica no Brasil, embora seja reconhecida a importância das exposições na esfera científica, estas, geralmente, são mencionadas apenas em alguns artigos, como os de Massarani (2002) e Massarani e Moreira (2010), não existindo análises mais direcionadas a respeito. Contudo, já há alguns estudos mais pontuais sobre as exposi-

ções universais e nacionais, nos quais há um uso preponderante de fontes primárias, entre as quais periódicos, além de mapas e instrumentos científicos para o desenvolvimento das análises (Heizer, 2009; Vergara; Capilé, 2012).

A ideia neste artigo é trabalhar as particularidades da farmácia na primeira dessas exposições universais, a partir do relatório do farmacêutico francês François-Laurent-Marie Dorvault (1815-1879). O lugar ocupado pela arte farmacêutica no “espetáculo da modernidade”, de acordo com um registro de época, evidencia os diálogos entre a arte e as ciências farmacêuticas, químicas e médicas, além de relações com as políticas nacionais e internacionais pertinentes, como veremos a seguir. Espero despertar curiosidades que contribuam para o desenvolvimento de estudos renovadores das abordagens sobre esses temas.

O relatório “Viagem farmacêutica à Exposição Universal de Londres pelo sr. Dorvault” foi publicado no *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, no tomo referente ao ano de 1853, na coluna “Diversidades”. Devido à extensão do relatório, ele foi dividido em partes, por vários números do jornal, sendo apresentado pelo sócio, o farmacêutico português João José de Sousa Telles, provavelmente o responsável pela tradução. Era costume do *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* publicar artigos de periódicos de associações francesas afins, traduzidos para o português. Este periódico era recebido pela Sociedade Farmacêutica Brasileira, criada na cidade do Rio em 1851, e trocado com os periódicos do Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, criado em 1858, e da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, criada em 1835 (Velloso, 2007). Contudo, não foi encontrado nenhum exemplar do periódico português nas instituições pesquisadas no Rio de Janeiro, entre os anos de 2004 e 2005.¹ A frequência com que matérias de periódicos franceses eram publicadas acabou por constituir uma rede internacional de saberes entre Brasil, Portugal e França, em que este último país era visto como um modelo não só para a distribuição e comercialização dos medicamentos (*Pharmacie Central*), mas também para o ensino farmacêutico (Velloso, 2007).

Áfinal, quem foi o autor e ator francês que descreveu pormenorizadamente os produtos farmacêuticos e químicos, as substâncias da história natural médica e os instrumentos e aparelhos farmacêuticos expostos no evento?

DORVAULT E A FARMÁCIA

François-Laurent-Marie Dorvault, de origem modesta, nasceu em Saint-Etienne de Montluc, França, no dia 26 de janeiro de 1815. Em Nantes, iniciou os seus estudos de farmácia. Em 1833, mudou-se para Paris, tendo trabalhado em várias farmácias até adquirir o seu próprio estabelecimento à rua de la Feuillade, n. 7, naquela capital. Em 1844, publicou *L'Officine ou Répertoire Général de Pharmacie Pratique*, que teve cerca de dezoito edições sucessivas,

¹ Fundação Biblioteca Nacional, Real Gabinete Português de Leitura, Arquivo Nacional, Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, bibliotecas do Centro de Ciências da Saúde e da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Academia Nacional de Medicina. Portanto, essa fonte fez parte de um levantamento realizado em Lisboa.

tornando-se uma referência para o exercício da farmácia por mais de um século. Em 1847, publicou a monografia *L'Iodognosie*, que abrangeu as áreas farmacêutica, química e médica, na qual tratou dos iodos em geral, e do iodeto de potássio em particular.

A constante preocupação de Dorvault com a situação profissional dos farmacêuticos pode ser lida e percebida nas páginas das várias edições de *L'Officine* e nas suas ações. Em 1852, inspirado na ideia de associação comercial entre os pares, bastante defendida e praticada na época, propôs a criação da Pharmacie Centrale des Pharmaciens, em Paris: "*Nous nous connaissons entre nous – nous agissons en famille*" (Dorvault apud Mory, 1980, p. 81). Este era um estabelecimento modelo que desempenhava, ao mesmo tempo, as funções de drogaria e de laboratório, fabricando as drogas simples, produtos químicos puros e medicamentos compostos de confiança, que os farmacêuticos não tinham condições de preparar, e precisavam para aviamento de receitas prescritas pelos médicos. Isto garantiria ao grupo de farmacêuticos associados o monopólio das atividades do preparo, conservação e venda de medicamentos, formando o que se pode chamar de uma empresa quase que familiar como ele mesmo sugere. Entre os argumentos apresentados para a criação desse estabelecimento modelo, destacavam-se o interesse pela preservação da saúde pública e a uniformização da produção de medicamentos. Tal estabelecimento, em 1855, ampliava-se para todo o território da França, recebendo o nome de Pharmacie Centrale de France. Nesse mesmo ano, na Exposição Universal de Paris, o estabelecimento foi condecorado com medalha de primeira classe. François Dorvault foi ainda um dos fundadores da associação profissional L'Union Pharmaceutique, que em 1860 edita seu primeiro periódico. No periódico da Sociedade Farmacêutica Lusitana de 1865, o seu nome encontra-se no quadro da sociedade, compondo a lista de honorários estrangeiros.

A partir das ações de Dorvault voltadas para a profissão farmacêutica é interessante observar que os farmacêuticos dos três países em questão, no período analisado, acabaram por incorporar as atividades de droguistas, embora os caminhos trilhados e seus desdobramentos tenham sido distintos. No caso de Portugal, além dos droguistas, é feita menção à figura dos herbolários, considerados "ignorantes" pelos farmacêuticos por misturarem "as plantas inocentes com as venenosas e de virtudes diversas podendo ocasionar graves consequências na sua aplicação", devendo por isso caber à farmácia a colheita, a dissecação, a reposição, a conservação e a venda de plantas medicinais (Barbosa, 1859, p. 194). Em 1856, no discurso proferido pelo presidente da Sociedade Farmacêutica Lusitana, por ocasião do seu vigésimo primeiro aniversário, é encontrado um comentário sobre a solução encontrada pela França com a criação da "farmácia central dos farmacêuticos", em que o autor incita os farmacêuticos portugueses a seguirem o exemplo:

As vantagens de um estabelecimento como este na nossa terra são bem manifestos; a ciência aí podia fazer tentativas; a arte aí podia fazer experiências; a educação farmacêutica aí teria a sua prática, o seu largo tirocínio; os seus produtos, as suas manipulações ser-nos-iam mais baratos (sic) por isso quase livres de fretes e comissões; e o país ganharia não pagando tão grande tributo à indústria do estrangeiro. Saia pois deste nosso

centro patriótico e nacional um pensamento tão útil à nossa classe quão profícuo (*Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, v. 2, 1856, p. 339).

Podemos observar algo semelhante com relação à Sociedade Farmacêutica Brasileira, que em 1852 tomava a iniciativa de criar uma drogaria que incluía o fornecimento dos agentes farmacológicos locais e importados, além dos preparados pelo seu laboratório, o que podia ser visto também como uma forma dos farmacêuticos brasileiros se imporem neste mercado de medicamentos em expansão, envolvendo comerciantes leigos, como os ferragistas e droguistas. Contudo, tal drogaria em sociedade não vingaria, pois funcionou apenas por alguns anos, principalmente no fornecimento de medicamentos para o Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia da Corte, uma de suas principais rendas durante os seus primeiros anos de vida.

Ao longo da trajetória dessa associação analisada em estudo anterior, evidenciaram-se as preocupações de seus sócios com a produção local de medicamentos, que ficava prejudicada pela entrada indiscriminada das especialidades farmacêuticas estrangeiras (pós, extratos, bolos, biscoitos, cujas fórmulas podiam não ser reveladas), muitas vezes de menor preço, acarretando uma competição desleal, além de serem de qualidade duvidosa. Apenas anos mais tarde, cada farmacêutica individualmente incorporaria o ramo da drogaria (Velloso, 2010).

É interessante observar que no mesmo ano da publicação do relatório de Dorvault, o periódico da associação portuguesa recomendava a leitura do discurso de outro farmacêutico francês, o secretário-geral da Sociedade de Farmácia de Paris, Eugène Soubeiran (1797-1859),² sobre os remédios secretos, pronunciado em novembro de 1852 e publicado no mês seguinte no *Journal de Pharmacie et Chimie* e, em 1853, na *Revista da Sociedade Pharmaceutica Brasileira* (Velloso, 2007). Neste discurso, Soubeiran denunciava o charlatanismo, entendido como a utilização de remédios secretos pelos médicos que os receitavam, pela população que os utilizava e pelos seus inventores. Considerava que todos os remédios deveriam ter suas fórmulas reveladas publicamente, depois de autorizados por um tribunal, constituído por farmacêuticos e médicos ligados a instituições localizadas em Paris e reconhecidas na França, como a Escola de Farmácia, a Faculdade de Medicina e a Academia de Medicina, além do aval do diretor da Farmácia Central dos Hospitais. Para ele, só os farmacêuticos deveriam ter permissão de venda de remédios e sob a prescrição do médico. Soubeiran denunciou, ainda, a má qualidade e até mesmo a nocividade de alguns desses chamados remédios secretos autorizados pelo governo francês, que eram consumidos internamente e exportados, constituindo umas das fontes da riqueza nacional.

Essas insatisfações dos farmacêuticos, filiados a associações próprias, com as políticas

2 Lente da Escola de Farmácia e da Faculdade de Medicina de Paris, tendo sido autor de livro didático (*Nouveau Traité de Pharmacie Théorique et Pratique*, 1840) que era utilizado nas escolas médicas do Rio de Janeiro e de Lisboa. Foi também diretor da Farmácia Central, farmacêutico chefe de hospitais e membro da Academia de Medicina de Paris.

sanitárias adotadas pelos governos de seus países, referentes às suas práticas científico profissionais, eram comuns aos três países em questão. Enfim, não foi à toa que o relatório foi publicado no periódico de uma associação farmacêutica portuguesa e provavelmente lido também pelos integrantes da Sociedade Farmacêutica Brasileira.

A VIAGEM FARMACÊUTICA À EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES PELO SR. DORVAULT

O texto impresso nas páginas do periódico da Sociedade Farmacêutica Lusitana mistura-se a outras notícias, como, por exemplo, sobre o ensino farmacêutico e o exercício ilegal da farmácia em Portugal e em outros países europeus, sobretudo na França; sobre estudos realizados pela associação portuguesa a respeito de drogas vindas das suas possessões ultramarinas; sobre as atas das sessões literárias da referida associação; sobre as relações entre a farmácia e a homeopatia, o emprego e preparação de substâncias medicamentosas.

Dorvault, ao observar que a farmácia ocupou um lugar como arte e não como ciência, no evento, reforça o seu significado enquanto expressão do progresso técnico. No entanto, não deixa de demonstrar certo constrangimento ou um sentimento de estrangeiro diante dos objetos de luxo expostos naquela bela e inovadora arquitetura de estrutura de ferro com vidros do Palácio de Cristal, em “magnífico efeito”, com os quais a multidão de visitantes ficava deslumbrada. Dorvault sente-se diferente da multidão ociosa ou do “visitante ocioso”, que volta sua atenção para os objetos sedutores. Entre tais objetos, provavelmente além da arquitetura que os abrigava, havia outras curiosidades, como os produtos exóticos vindos das colônias britânicas ou os produtos de luxo constituídos por porcelanas, tapetes franceses, móveis da Áustria, pistolas da Espanha, piano que tocava violão e máquina de fabricar envelopes, citados por estudos como o do historiador Werner Plum (1979).

O farmacêutico francês identifica-se com o “visitante sério”, preocupado com os “objetos úteis”, ao se concentrar no estudo dos produtos referentes à arte farmacêutica, e nos seus possíveis usos terapêuticos, objetos estes expostos em lugar afastado.

[...] os objetos de nosso estudo, posto serem, em última análise, mais úteis à humanidade, que a maior parte dos quais abundavam na exposição universal, não seduzem os olhos pelo seu brilho, nem impressionam sempre agradavelmente o olfato com as suas emanações; é porque são unicamente úteis. Demais não ofenderiam eles a nossa vaidade recordando-nos as enfermidades do nosso corpo terrestre e mortal? (*Viagem...*, 1853, p. 30)

Os objetos úteis da farmácia suscitavam o uso dos sentidos do olfato, do tato e da visão ao visitante sério, que no caso seria o farmacologista, o naturalista, o químico, atributos que poderiam estar reunidos num único personagem – o homem de ciência. Segundo ele, tal visitante sério teria tratamento diferenciado pelos *policemen* de Londres, que lhe permitia tocar nos objetos, o que oficialmente era estritamente proibido.

Na primeira parte do relatório, o autor nos explica a opção por adotar uma classificação por gêneros dos objetos, ao invés de uma classificação geográfica, ou seja, pelos países dos

quais eram provenientes. Deste modo dividiu a chamada viagem farmacêutica pelos temas dos produtos farmacêuticos, depois produtos químicos, a história natural médica e os instrumentos e aparelhos farmacêuticos. A arte e a ciência farmacêuticas, entendidas como utilitárias ao dizerem respeito à vida e por seu uso terapêutico, eram incluídas como condição importante para se alcançar o estágio de civilização ou mesmo como indício de civilização e progresso, medidos aqui em cada país através da análise dos produtos expostos. O farmacologista, o químico e o naturalista diferenciavam-se da multidão por serem inventariantes do progresso técnico farmacêutico das nações.

As relações entre a construção da nacionalidade e o desenvolvimento da ciência e da técnica ficam visíveis pela competição entre Inglaterra e França, percebida no texto, quando o autor faz questão de mencionar a experiência do seu país em organizar as exposições nacionais quinquenais da indústria, nas quais a farmácia era representada por alguns produtos e raros instrumentos de seu uso. Isto poderia ser entendido como um certo despeito pelo fato da primeira exposição universal ter sido realizada na Inglaterra e não na França.³ No entanto, ele não deixa de valorizar o que viu no belo Palácio de Cristal, onde a farmácia química, toda a farmácia botânica e a drogaria estavam, a seu ver, muito bem representadas. Já a pobreza da farmácia galênica dizia ser compreensível, o que expressava a desvalorização crescente pelos meios farmacêuticos e médicos acadêmicos do tipo de medicamento composto, em sua maior parte, por muitas substâncias de origem vegetal.

Havia na época uma tendência à simplificação dos medicamentos quando os alcalóides (princípios ativos extraídos de substâncias vegetais) estavam na berlinda, com o emprego de remédios isolados como a quina, o iodo, o bromo, o subnitrato de bismuto, o mercúrio – remédios químicos –, em grande parte extraídos do reino mineral. Logo, o produto químico valorizado aqui por Dorvault é aquele constituído pelo isolamento dos princípios ativos de diversas substâncias e pela síntese dos mesmos, em forma artificial e bem preparados. Isto não significava, no entanto, que esses medicamentos fossem os mais procurados pela população em geral (Velloso, 2010).

OS PRODUTOS FARMACÊUTICOS E QUÍMICOS: O PROGRESSO TÉCNICO DOS PAÍSES CIVILIZADOS

Ao se referir aos produtos farmacêuticos, Dorvault comenta sobre o seu pequeno número e a prioridade dada aos pós e extratos como formas farmacêuticas mais possíveis de serem avaliadas pelo júri da Exposição, por suas qualidades físicas. Aqui é dada ênfase ao tipo de preparação dessas formas e às técnicas utilizadas.

Assim, Dorvault não perde a oportunidade de elogiar o invento do farmacêutico francês do Hospital de Reims, sr. Grandval, que revolucionou a preparação de extratos. Elogia a quali-

³ Entre 1798 e 1849, foram realizadas onze exposições nacionais sendo que já em 1848 o ministro do Comércio francês apresentara a proposta de convidar todas as nações para a exposição de 1849, que não seria aprovada por temor dos industriais franceses com a concorrência estrangeira (Pesavento, 1997).

dade de seus produtos, que podiam ser identificados pelo cheiro que exalavam e pelo aspecto que apresentavam, reduzindo os custos na preparação dos extratos, conservando os princípios das plantas e melhorando sua qualidade pelo estado de *secura* alcançado. Nas páginas da *Revista da Sociedade Farmacêutica Brasileira* (1853), encontramos relatório da Sociedade Farmacêutica Francesa de 1852, traduzido pela Sociedade Farmacêutica Lusitana, que complementa as afirmações de Dorvault. Naquela matéria, há informações sobre o aparelho a vácuo criado por Grandval, na qual o tradutor acrescentou nota de pé de página considerando-o de extrema importância, visto que havia a intenção de introduzir o aparelho nas farmácias. O relatório noticiava que, em 1847, o aparelho de Grandval já havia sido apresentado à Sociedade Farmacêutica de Marne (nome de departamento próximo a Reims) e em agosto de 1850 teria sido testado por Eugène Soubeiran na Sociedade Farmacêutica de Paris, concluindo que a evaporação no aparelho acontecia rapidamente e os produtos pareciam muito superiores aos obtidos pela evaporação ao ar livre. Não temos informações se esse aparelho foi adotado pela farmácia em Portugal e no Brasil nessa época. Tudo indica que não, pelo menos por parte dos farmacêuticos filiados às respectivas associações.

O relatório elogia também os extratos farmacêuticos da Casa Menier de Paris, “o mais importante laboratório de farmácia de Paris”, que propôs a *secura* dos extratos por uso de mó vertical movida a vapor, para extrair o suco, sem uso do vácuo. Quando se refere à produção dos pós, volta a chamar a atenção para o sr. Menier,⁴ pelo seu ineditismo na Europa, ao criar um laboratório hidráulico para a pulverização das substâncias medicinais. Além desse fabricante de pós, deu destaque aos srs. Haskell, Merrit e Buel, de Nova Iorque. Indo além da simples descrição dos objetos úteis expostos, Dorvault divulga a hipótese, levantada na última edição de sua obra *L'Officine ou Répertoire Général de Pharmacie Pratique*, de que a operação de pulverização modificaria a composição química e as propriedades medicinais das substâncias, fornecendo vários exemplos em que isto acontecia e considerando a hipótese como “um ponto de física desconhecido” que merecia ser estudado. Da mesma forma, faz um alerta sobre o uso dos extratos obtidos pelo aparelho de Grandval, aconselhando uma consulta médica a respeito da diferença de seus efeitos com relação aos extratos antigos.

Ao se referir à produção da Inglaterra e da Alemanha de extratos moles e semilíquidos denominados de *mellago*, além dos extratos líquidos (sucos, infusos e decoctos de plantas), considerou-os inferiores aos apresentados pela França e desconhecidos pela farmácia de seu país. Pode-se inferir aqui que sua consideração tenha a ver com o uso de técnicas tradicionais para a época, ou seja, não inovadoras.

No entanto, quando se refere aos produtos químicos, que eram em maior número do que os farmacêuticos, Dorvault dá destaque à Alemanha, Inglaterra e França. Mas, acaba concluindo que o fato de a Inglaterra ter se sobressaído aos demais deveu-se à boa apresentação e organização de seus objetos, em contraste com a má organização dos objetos da Alemanha e França, que lhes seriam superiores. Assinala ainda que, na realidade, a Inglaterra

4 Em 1867, a drogaria Menier Père et Fils foi adquirida pela Pharmacie Central de Paris.

expusera numerosos produtos orgânicos e inorgânicos de fabricação simples e mais elaborada, destacando o tom didático-pedagógico de suas exposições. Isto porque o país teve a preocupação em exibir as diferentes fases da fabricação de produtos extraídos da natureza por meio de amostras que retratavam os vários tratamentos sofridos pela matéria, o que possibilitava o conhecimento de novas aplicações. A extração do alúmen, por exemplo, foi representada por uma série de amostras, a primeira de xistos aluminosos no seu estado natural, a segunda, com os xistos calcinados ou oxidados, a terceira, passando pelas águas de lixiviação (separação dos sais), depois a cristalização, até surgir o alúmen, que seria o sulfato duplo de potássio e alumínio.⁵

Entre os produtos de fabricação simples cita a cafeína, cujos sais haviam sido recentemente considerados por médicos belgas como febrífugos e antinevrálgicos; o benzoato de amoníaco, proposto como o fosfato da mesma base, contra a gota; o aloin, princípio purgativo dos aloés exposto pelos seus descobridores, os senhores Smith, de Edimburgo; a naftalina, usada no tratamento de moléstias de pele. Como produtos químicos delicados, cita os produtos do farmacêutico-químico sr. Morson, de Londres: “as belas amostras dos principais alcaloides (morfina, codeína, estricnina, cinchonina)” e de ácido hipúrico, produto tirado da urina do cavalo; “um grande pão de morfina representando uma pirâmide dupla; octaedros magníficos de sulfato de cinchonina” (Viagem..., 1853, p. 67). Elogia também os sais de ferro medicinais do sr. Beral: “Que diferença entre estes produtos e os que se preparavam há dez anos!” (Viagem..., 1853, p. 68). Além desses, comenta sobre o sublimado corrosivo e principalmente os calomelanos, medicamentos a base de mercúrio que eram largamente utilizados para tratamento de várias doenças, como sífilis, febre amarela, verminoses etc.

A superioridade da apresentação dos produtos ingleses em relação aos alemães e franceses poderia ser explicada pelo fato da Inglaterra estar sediando o evento, portanto viabilizando um investimento maior na produção da exibição dos seus produtos. A inauguração das exposições universais em Londres, a maior metrópole da época, sinalizava também a liderança mundial da Grã-Bretanha, no que dizia respeito ao progresso material do mundo. Além disso, ela não passara pelas ondas revolucionárias que atingiram grande parte dos países europeus entre os anos de 1830 e 1848 (Hobsbawm, 2009). No entanto, tirando a Escola de Edimburgo, na Escócia, a Grã-Bretanha, em termos de investimento nas ciências naturais, entre as quais a farmácia e a química, ficava abaixo da França e Alemanha, onde houve um investimento maior nessas áreas, e cujas instituições de ensino tornaram-se modelos para Brasil e Portugal (Velloso, 2007).

Quando Dorvault refere-se aos produtos expostos pela Alemanha, comenta que esta expôs um número maior de produtos minerais do que orgânicos, tendo causado surpresas, visto que tinha o monopólio da preparação de alcaloides, tais como morfina, codeína, santo-

5 Na segunda Exposição Universal, realizada em Paris no ano de 1855, ao lado dos diamantes da coroa, foram expostos como uma novidade belos talheres brilhantes, feitos de metal ordinário e cobertos por uma camada de alumínio, expressando mudanças nos processos de sua fabricação e uso.

nina, digitalina, estriçnina etc. A larga fabricação e uso de mão de obra barata permitia à Alemanha o fornecimento dessas preparações a outros países, por preços inferiores à produção local, o que interferia no mercado e na produção farmacêutica de vários países.

Com relação à França, comentava: “todos os fabricantes de produtos químicos farmacêuticos, para nos servirmos de uma expressão admitida, ‘brilharam por sua ausência’” (Viagem..., 1853, p. 161). Dorvault censura tais fabricantes por terem adotado uma postura antipatriótica, ao não assumirem a disputa com o resto do mundo referente às suas artes e indústrias, ou seja, com os fabricantes da Inglaterra e Alemanha. Elogia, então, os expositores ingleses, que se empenharam na confecção de produtos mais artísticos do que vendáveis, já que não poderiam competir com os alemães, exibindo suas habilidades nas manipulações de substâncias. Dá destaque à superioridade dos produtos à base de iodo de fabricantes franceses, tema que lhe era bastante familiar por ter sido objeto de estudo de sua monografia. Comenta, ainda, sobre a importância que a fabricação de produtos iódicos vinha adquirindo, cuja indústria era alimentada pela sífilis e pela escrófula,⁶ pois na França eram retirados dez mil quilos de iodo de seu litoral, anualmente, o que a favorecia neste ramo.

Um tom irônico e de crítica à exposição é percebido quando Dorvault refere-se ao clorofórmio comum aos três países (Inglaterra, Alemanha e França), exposto em quantidade que daria para “cloroformizar todos os indivíduos que entraram na exposição em um dia, e ainda muito mais, não obstante ser grande o número daqueles” (Viagem..., 1853, p. 165). Parecia haver uma aposta entre os fabricantes dos três países na apresentação de um preço mais baixo para o novo anestésico. No entanto, ele observava que este clorofórmio próprio para uso industrial não poderia ser usado na farmácia sem que fosse modificado, sob pena de expor os cirurgiões a grandes perigos. Satiriza também o fato de os três países terem exposto grande quantidade de produtos arsenicais, sobretudo o ácido arsenioso, o que daria para envenenar toda a população inglesa. Critica o modo como foi exposta essa substância venenosa, em vasos abertos, o que possibilitaria um indivíduo mal intencionado cometer tal ato. Conclui, assim, que a legislação sobre venenos, tão rígida para os farmacêuticos, fora esquecida naquela primeira exposição universal.

Considera de pouca importância o material exposto por Portugal, Espanha, EUA, Piemonte, Bélgica e Rússia, por consistirem em produtos químicos naturais tais como sulfato de cobre, de ferro, de alumina etc. Já a Índia mandara junto com os produtos químicos naturais, a morfina e seus sais, “grosseiramente preparados”, cuja “arte está ainda na sua infância”. Acaba considerando que os produtos químicos de valor seriam representados apenas por França, Alemanha e Inglaterra.

6 Nome dado a um tipo de tuberculose que atingia os gânglios.

HISTÓRIA NATURAL MÉDICA: O VALOR DOS PRODUTOS REPRESENTATIVOS DOS “POVOS POUCO CIVILIZADOS” OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quantos medicamentos preciosos nos tem sido revelados pelos selvagens ou por povos pouco civilizados; devemos o conhecimento da quina dos antigos peruvianos; os chineses empregam, desde tempos imemoriais, o esporão de centeio na obstetrícia [...] Desde muitos séculos conhecem eles também a propriedade antifebrífuga do ácido arsenioso. O kouso veio-nos dos abissínios; e mático dos índios, etc. [...] Eis aqui medicamentos incontestavelmente úteis. Não haverá outros para descobrir? Não foi necessário esperar até ao presente para reconhecer a principal propriedade do éter, o seu poder anestésico? (Viagem..., 1853, p. 197)

Ao comentar sobre várias drogas simples e suas respectivas indicações terapêuticas, provenientes dos chamados povos pouco civilizados, Dorvault reconhece as suas utilidades como futuras potencialidades nas artes de curar, criticando o ceticismo terapêutico da época com relação à matéria médica (Velloso, 2010). Apesar disso, reforça a divisão entre os países europeus que se destacam pelos produtos farmacêuticos e químicos expostos, ao considerá-los como superiores aos de outras regiões ou povos que se destacam pela biodiversidade da matéria médica natural, ou seja, os expositores de drogas simples diversas, representados por povos da América Latina, como os peruvianos (lê-se peruanos), por indianos, índios, chineses e outros povos antigos considerados primitivos ou inferiores. Fica explícita aí uma visão eurocêntrica bastante comum na época – o reconhecimento da utilidade daquelas drogas simples e sua sintetização deveriam ficar a cargo dos países considerados civilizados, ou seja, os países europeus. Nesse sentido, a contribuição a ser dada pelos outros povos ou regiões seria o de fornecer os símplies, a matéria-prima para ser transformada na forma farmacêutica ideal para uso terapêutico.

O que se percebe é que a biodiversidade não era valorizada na época como nos dias de hoje. Isto é, ficava subentendida a incapacidade daqueles países ou regiões de produzirem conhecimento a respeito de sua própria natureza. Evidente que essa matéria médica natural não chegava ao mundo europeu por conta própria, pois junto com ela havia as informações daqueles povos ou regiões de onde foram extraídas, passadas a intermediários que podiam ser comerciantes, negociantes, naturalistas viajantes europeus ou simples curiosos, quem sabe? Informações que podiam ser acrescidas por outras, provenientes desses possíveis intermediários, que diriam respeito tanto à própria identificação da matéria como aos seus possíveis usos terapêuticos e industriais, e respectivos resultados experimentados informalmente. Logo, o circuito dessa matéria médica natural compreenderia um circuito de saberes expressivos de etnias e de culturas diversas. Os caminhos percorridos por Dorvault, em sua viagem farmacêutica, podem ser muito mais amplos do que ele sugere. Com base em outras leituras e na consulta a outras fontes, podemos ler as entrelinhas de seu texto, ou seja, aquilo que ele não revela.

A historiografia tradicional sobre a história da medicina no Brasil, representada pelos médicos Pedro Nava (2004) e Lycurgo de Castro Santos Filho (1991), não deixa de chamar a atenção para a sabedoria popular, a medicina dos índios e negros, assim como para a relação entre a medicina e farmácia dos jesuítas e a dos indígenas e africanos. Em estudos mais recentes, essas questões sobre o Brasil colonial que dão ênfase às articulações entre saberes europeus e práticas curativas indígenas efetuadas pelos jesuítas, através da instalação de suas boticas e uso de medicamentos entre os séculos XVI e XVIII, vêm se enriquecendo. Fica cada vez mais evidente que a Companhia de Jesus desempenhou um papel importantíssimo na circulação de saberes terapêuticos entre o continente sul americano e a Europa. As novas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre o tema, estão se debruçando sobre diversos acervos espalhados pela Europa e descobrindo interessantes documentos (Calainho, 2005; Fleck; Poletto, 2012).

Ao tomarmos contato com o relato de Dorvault sobre a exposição universal de 1851, essas experiências anteriores vêm à tona, revelando um dos caminhos pelos quais muitos símplies ou plantas medicinais foram incorporados às farmacopeias europeias, além dos levantamentos de material botânico por naturalistas portugueses e viajantes que aqui estiveram em inícios do século XIX, como Bernardino Antônio Gomes (1768-1823) e Carl Friederich von Martius (1794-1868). Poderíamos citar também a iniciativa de cientistas que se dedicavam ao estudo de nossa natureza, pertencentes a instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Museu Nacional, em organizar uma primeira expedição científica brasileira ao norte e nordeste do país. Realizada entre os anos de 1859 e 1861, com objetivo de pesquisar os recursos naturais daquela região, foi financiada pelo governo brasileiro e obteve apoio internacional, sobretudo da França (Lopes, 1996). Grande parte do material coletado engrossaria a Exposição Nacional de 1861, inaugurada na capital, em 2 de dezembro, no prédio da Escola Central, no largo de São Francisco, no dia do aniversário do imperador d. Pedro II. Entre os mais de duzentos expositores premiados pelo júri geral da Exposição, formado em grande parte por personagens políticos da aristocracia imperial, constavam alguns farmacêuticos filiados às associações, que foram premiados pela exibição de produtos químicos e farmacêuticos diversos, preparados em seus estabelecimentos, entre os quais o presidente da Sociedade Farmacêutica Brasileira, Ezequiel Correia dos Santos e Filho, e Alexandre Blanc, filiado à mesma associação, condecorados com medalha de bronze, e Theodoro Peckolt, germânico residente em Cantagalo, filiado ao Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, condecorado com medalha de ouro. É importante notar que a Exposição Nacional de 1861 foi preparatória para a primeira participação do Brasil na Exposição Universal de 1862, realizada novamente em Londres.

O relatório de Dorvault compartilha até certo ponto o discurso científico da época, característico da Exposição, ou seja, de tom positivista, ao expressar uma visão otimista do progresso técnico-científico, que se identificava com o internacionalismo da ciência e da técnica, ao mesmo tempo em que aguçava os sentimentos nacionalistas. O seu discurso põe em questão alguns desses pontos. Reconhece que nem tudo que está ali representado corresponderia à situação real, como a superioridade da indústria química inglesa em rela-

ção à francesa e alemã, justificando o próprio uso da palavra representação. Outros questionamentos são distinguidos através de críticas já mencionadas, que hoje consideraríamos bastante mordazes.

Para finalizar, transcrevo, a título de reflexão, a citação a seguir, comentário do autor sobre a quantidade de iodo encontrado no litoral da França e as vantagens que o país tinha a nível mundial:

se nos lembrarmos de pequena quantidade de iodo que nas plantas existe em relação aos outros princípios far-se-ia ideia da quantidade destas plantas que é necessário colher (muitos milhões de quilogramas), e da quantidade de braços ocupados em fazer esta colheita. Seria talvez um paradoxo dizer que a sífilis e as escrófulas, que alimentam essa indústria, são um benefício para a humanidade (Viagem..., 1853, p. 162).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Marta de. Congressos e exposições científicas: tema e fontes para a história. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio A. Passos (orgs.). *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2010, p. 197-208.

BARBOSA, J. Nunes. Acerca das plantas medicinais. *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, Coluna Diversidades, Lisboa, Tipografia Universal, 3. série, t. V, p. 194-196, 1859. Biblioteca da Ordem dos Farmacêuticos – Seção Regional de Lisboa. Sociedade Farmacêutica Lusitana.

BOUSSEL, Patrice; BONNEMAIN, Henri; BOVÉ, Frank. *Histoire de la Pharmacie et de l' Industrie Pharmaceutique*. Paris: Éd. de la Porte Verte, 1982.

CALAINHO, Danielle Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 19, 2005, p. 61-75. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a05.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, jan./fev./mar./abr. 2003, p. 89-100. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

DURANT, John. O que é alfabetização científica? In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. de Castro. *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; Casa da Ciência, UFRJ; Fiocruz, 2005, p. 13-26.

FERREIRA, L. O. *O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros da primeira metade do século XIX*. 1996. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FIGUEIRÔA, Sílvia. Ciências geológicas no Brasil do século XIX. In: FIGUEIRÔA, Sílvia (org.). *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas: Ed. Unicamp; Imprensa Oficial, 2000, p. 163-187.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLLETO, Roberto. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito *Matéria medica misionera de Pedro Montenegro (1710)*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, out./dez. 2012, p. 1.121-1.138.

FONSECA, M. Rachel Fróes da. O associativismo científico no Brasil (1771-1829) e a promoção das ciências e da felicidade pública. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL D. JOÃO VI: UM REI ACLAMADO NA AMÉRICA, 1999, Rio de Janeiro. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000, p. 123-139.

HEIZER, Alda. Ciência para todos: a Exposição de Paris de 1889 em revista. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 6, n. 3, jul./ago./set. 2009. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 10 dez. 2012.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789-1848*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

LOPES, M. Margareth. Mais vale um jegue que me carregue que um camelo que me derrube lá no Ceará. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, mar./jun. 1996, p. 50-64.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. A divulgação científica no Rio de Janeiro na década de 1920. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio A. Passos (orgs.). *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2010, p. 115-135.

_____. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, I. de Castro; BRITO, Fátima. *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ. Fórum de Ciência e Cultura, 2002, p. 43-64. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicações/terraincognita/cienciapublico/cienciapublico.html>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MASSARANI, Luisa; TURNEY, J.; MOREIRA, Ildeu de Castro (orgs.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; Casa da Ciência, UFRJ; Fiocruz, 2005.

MORY, Berthe. Dorvault e la Pharmacie Centrale de France. *Revue d'histoire de la pharmacie*, n. 245, juin 1980, p. 79-90.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia (SP): Ateliê Editorial; Londrina (PR): Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PLUM, Werner. *Exposições mundiais no século XIX: espetáculos da transformação sociocultural*. Bonn: Friedrich Ebert Stiftung, 1979.

RELATÓRIO dos trabalhos da Sociedade Farmacêutica Lusitana durante o trigésimo ano de sua instituição. *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, Lisboa, Imprensa Nacional, 5. série, t. I, p. 148-180, 1865. Biblioteca da Ordem dos Farmacêuticos – Seção Regional de Lisboa. Sociedade Farmacêutica Lusitana.

RELATÓRIO feito à Sociedade Pharmaceutica de Paris, pelos srs. Robinet, Gobley, e Dublanc, sobre os extratos preparados no vácuo pelo sr. Grandval, pharmaceutico do Hotel Dieu de Reims. Redigido por Manoel Hilário Pires Ferrão. *Revista da Sociedade Pharmaceutica Brasileira*, Rio de Janeiro, Typ. Guanabarensense de L. A. F. de Menezes, t. III, n. 47, p. 23-26, 1853. Fundação Biblioteca Nacional / Seção Obras Raras.

SALDAÑA, J. J. (coord.). *Historia social de las ciencias en America Latina*. México: Coordinación de Humanidades, Coordinación de la Investigación Científica, UNAM, 1996.

SANTOS FILHO, Lyrurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1991, v. 1 e 2.

TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte; Rocco, 1995.

VELLOSO, Verônica Pimenta. Assistência farmacêutica: discursos e práticas na capital do império do Brasil (1850-1880). *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 373-394, jul./dez. 2010.

_____. *Farmácia na Corte imperial: práticas e saberes*. 2007. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

VERGARA, Moema de Rezende; CAPILÉ, Bruno. A circulação do conhecimento em Exposição Universal: o mapa do Brasil na Filadélfia em 1876. ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 15., 2012, Rio de Janeiro. *Anais....* Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338395591_ARQUIVO_CapileeVergara-TextoANPUHRJ2012.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2013.

VIAGEM farmacêutica à Exposição Universal de Londres: pelo sr. Dorvault. *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, Coluna Diversidades, Lisboa, Imprensa Silviana, 2. série, t. IV, n. 1, p. 29-36, 1853; n. 3, p. 62-69; n. 6, p. 160-168; n. 7, p. 197-200; n. 8, p. 268-272, n. 9, p. 377-384; n. 10, p. 407-420. Biblioteca da Ordem dos Farmacêuticos – Seção Regional de Lisboa. Sociedade Farmacêutica Lusitana.

Recebido em 14/2/2013

Aprovado em 26/2/2013